

HOMENAGEM AOS PROFESSORES APOSENTADOS EM 1964

Por iniciativa do Professor Francisco C. Marques Pereira, D. Diretor da Faculdade de Medicina de Porto Alegre, realizou-se, pela primeira vez, uma homenagem aos professores aposentados em 1964.

Na noite de 16 de dezembro de 1964, em sessão solene e pública, a Congregação prestou homenagem ao Catedrático de Parasitologia, Dr. Raul Franco di Primo e aos Professores Adjuntos Drs. Coradino Lupi Duarte e Ennio Marsiaj de Obstetrícia, Elias José Kanan de Ortopedia e Traumatologia, Manoel Madeira da Rosa de Tisiologia e Vitor Salazar Rangel de Microbiologia.

Como representante dos Professores Adjuntos na Congregação saudou seus colegas recentemente aposentados o Professor João C. Fischer com o seguinte discurso:

Reitor Magnífico da Universidade do Rio Grande do Sul

Sr. Professor Diretor da Faculdade de Medicina

Meus colegas

Acadêmicos

Senhoras e Senhores.

Honrosa para mim a incumbência de vos saudar nesta solenidade em nome dos Professores Adjuntos cuja classe represento na Congregação de nossa Faculdade.

Seja-me permitido valer-me da oportunidade para ressaltar o significado desta homenagem, a primeira que se realiza em nossa Escola, graças à feliz iniciativa de seu eminente diretor, o prof. Francisco de Castilhos M. Pereira, cujo pensamento procurarei interpretar.

Não quis S. Excia. que os integrantes do corpo docente, chegados ao térmi-

no da longa e exaustiva jornada, passassem anonimamente à inatividade sem que, publicamente, sem reservas, se lhes agradecesse pelo muito que deram ao ensino médico; pelo ardor e pelo entusiasmo com os quais sempre atenderam às solicitações do serviço; pela honestidade de seus propósitos e de seus conceitos; pela noção irrestrita de responsabilidade com a qual sempre se houveram no exercício de suas funções; pela mais completa exaço no atendimento de seus múltiplos encargos.

Longa foi a estrada palmilhada.

Inúmeros os óbices encontrados.

Magistério é sacrifício e é renúncia!

Magistério é abnegação e é tenacidade!

Empolga e decepçiona, mas é maravilhoso!

Aos propósitos de incentivo à produção científica e à pesquisa, se antepõem, geralmente, dificuldades imprevisíveis.

Somos um povo que atravessa o período crítico de sua evolução política e social.

Estamos em plena arrancada para a consolidação de nossa estrutura econômica, confiantes nos incontestáveis destinos de nossa pátria.

O gigante adormecido desperta à luz vigorosa de uma nova era.

E quando surgir êsse dia radioso, o horizonte será pequeno para o brilho do sol!

E nós os professores arcamos com a responsabilidade incomensurável da formação das elites técnicas do futuro, responsabilidade que se agiganta em cada minuto que passa pela evolução sempre maior da ciência, obrigando-nos a uma atualização que jamais conseguiremos atingir integralmente, tal a cons-

tância e a rapidez com as quais se alteram e se substituem conceitos muitas vezes clássicos.

Acompanhastes, meus caros homenageados, nestes longos anos, dia a dia, hora a hora, minuto a minuto, a evolução de nossa Escola.

As direções se sucediam e vós, sempre atentos, disciplinadamente arregimentados prestastes, invariavelmente, a mesma colaboração eficiente e leal.

A mudança de currículo trouxe, evidentemente, maior soma de encargos, dando ao ensino maior objetividade.

Em setores diversos sentistes as mesmas dificuldades, vivestes as mesmas apreensões e as mesmas angústias, gozastes as mesmas alegrias.

Na Obstetrícia, Coradino Lupi Duarte e Ennio Marsiaj.

O primeiro, diplomado em 1925, em dezembro do mesmo ano defendeu tese. Exerceu, inicialmente, as funções de assistente voluntário de Clínica Ginecológica, tendo sido nomeado 1.º assistente de Clínica Obstétrica em 1938.

Em 1944 realizou seu concurso para docência livre da cadeira.

O segundo, formado em 1928, no mesmo ano foi nomeado 2.º assistente e em março de 1929 defendeu tese de doutoramento. Em 1932 conquistou, por concurso, seu título de docente livre. Em 1933 foi nomeado professor do Curso de Enfermagem Obstétrica.

Na Ortopedia e Traumatologia, Elias José Kanan, cujo curso foi completado em 1931. Em 1932 defendeu tese de doutoramento e no mesmo ano foi nomeado 1.º assistente de clínica cirúrgica. Em 1935 submeteu-se ao concurso para docência livre de Clínica Cirúrgica Infantil e Ortopédica. Em 1939 assumiu, interinamente, a cátedra dessa disciplina e em 1952 foi nomeado assistente.

Na Tisiologia, Manoel Madeira da Rosa.

Terminou seu curso em 1932 e no mesmo ano defendeu tese e foi nomeado auxiliar de ensino da 1.ª Cadeira de Clínica Médica. Em 1934 foi transferido para a 4.ª Cadeira de Clínica Médica e em 1936 obteve, por concurso, seu título de docente livre. Em 1953 foi transferido para a cátedra de Tisiologia por cujo expediente respondeu no ano em

curso em virtude de impedimento do respectivo titular.

Na Microbiologia, Vitor Salazar Rangel. Diplomado em 1931, nos anos de 31 e 32 exerceu as funções de auxiliar de ensino. Em 1937 foi nomeado assistente e, no mesmo ano, submeteu-se ao concurso para docência livre. Em 1953 regeu a cátedra em decorrência de impedimento do respectivo titular. Em 1957 voltou a responder pelo expediente da cadeira.

Esta, senhores, em rapidíssimos traços, a carreira universitária dos nossos homenageados.

Dispensável, parece-me, referir em detalhes o que realizaram quando ainda acadêmicos internos das várias clínicas da nossa velha Santa Casa e, após, nestes longos anos, além das atividades inerentes ao magistério (trabalhos de orientação, divulgação e pesquisa apresentados às sociedades médicas e divulgados pela imprensa especializada); participação ativa em congressos, jornadas, seminários e mesas redondas, no país e no estrangeiro; cursos de especialização que ministraram e aqueles aos quais se submeteram em diferentes países da América e da Europa; chefias de clínicas e direção de ambulatórios; presidência de associações científicas. Seria tarefa difícil, pois a quantidade e a variedade de títulos que se contém na ficha de cada um determinaria, fatalmente, omissões e prolongaria, além do desejado, minha permanência nesta tribuna.

Caríssimos colegas: no momento em que ireis desfrutar merecido repouso podeis, confiantes, olhar para traz revivendo a longa caminhada na qual se sucederam alegrias e dores, felicidade e tristezas mas, ao final, a tranqüila certeza do dever cumprido, certeza que constitui, inegavelmente, a maior compensação que podereis aspirar, certeza que justifica, plenamente, a homenagem que vos está sendo prestada neste momento.

A mim pessoalmente, foi grata a incumbência. Somos da mesma geração, velhos amigos e peço a Deus me conceda a graça de merecer um dia, quando chegar minha vez, esta consagração de que hoje sois objeto.

É a Faculdade de Medicina, nossa

amada Faculdade de Medicina, a Casa de Sarmiento Leite que, em sessão solene, pública, vos presta sua reverência.

Convosco, a nossa saudade.

Em nome dos homenageados respondeu, agradecendo o Professor Coradino Lupi Duarte.

Quando, há trinta e seis anos, dei início ao labor de mestre da Faculdade de Medicina, cheio de entusiasmo por uma tarefa fascinante, não adivinhava, no tumulto das minhas atividades profissionais, o destino reservado ao professor.

O tempo, porém, se chegou a descolorir algumas quimeras e sonhos do médico, não desencantou de todo o professor.

Não tomo, nem meus colegas homenageados, professores Manoel M. da Rosa, Vitor Salazar Rangel, Elias José Kanan e Ennio Marsiaj, em nome dos quais tenho a honra de falar neste ato, a reunião de hoje como tributo pessoal, mas reconhecimento à função que foi exercida, tão mal vista, nos dias atuais por muitos, desgraçadamente.

Aprendi, com os homens da minha geração, a resguardar a liberdade da cátedra e do mestre, como manifestação essencial ao pleno desenvolvimento das tarefas educacionais.

Nos últimos anos, todavia, como reflexo da rebeldia geral e das próprias condições da estafante luta pela vida, o carinho pelo professor veio sendo substituído e até pôsto de lado, dando lugar ao império da indiferença e desatenção.

O homem atual, desligado das raízes da cultura tradicional, atirou-se ao lucro, tido e havido como o paradigma de todas as grandezas e arquétipo de todos os seres que se agitam nos grandes centros, consumidos no ganho diário.

Não sou, nem meus caros colegas, pessimista, anoto o fato, como dado da experiência concreta, mas que não será o modelo do porvir.

Não vislumbro o mundo colorido pela visão otimista daqueles que não meditam, mas creio, firme e convictamente, em novos dias para a pátria comum.

O médico, atento aos sofrimentos dos homens, ascendeu na escala dos valores, ao magistério, sem maiores recom-

penas, sem vantagens materiais sedutoras, mas pela vivência, pela atualização científica, pela certeza indestronável de bem servir.

Creio que a redenção do Brasil começará na escola, na evangelização dos mestres de todos os graus, no aclaramento das luzes e, principalmente, no trabalho.

Fui e continuo a ser professor.

O tempo permitiu que diminuísse o ritmo das minhas obrigações diárias, mas não alterou, em nada, o modo de ser e de sentir que adotei como professor.

Não tenho o espírito vergado ao peso de atitude má, intencionalmente falando, como professor, ainda que haja cometido muitas faltas, sêlo fatal da condição humana.

Lembro agora nomes de ilustres professores da Faculdade de Medicina, criadores do espírito universitário e que sempre foram médicos: Sarmiento Leite, Mário Totta, Ney Cabral, Octávio de Souza, Annes Dias, Aurélio Py, João Baptista Marques Pereira, Octacílio Rosa e tantos outros do mesmo quilate.

Eles, por certo, continuaram credores da admiração pública e devem, mais do que o que agora está com a palavra, ser os destinatários desta homenagem.

Noto, e comigo os demais homenageados, no conforto desta lembrança, a inspiração de Marques Pereira, autor intelectual desta sessão solene e pública da nossa Congregação, para agradecimento aos professores que se afastam da vida universitária.

Marques Pereira, generoso colega, caro amigo e ilustrado professor, merece, assim, o reconhecimento dos homenageados.

As minhas palavras, friso, foram antes de proferidas, sentidas na mais profunda intimidade no meu ser.

Escrevi, é certo, temeroso que a emoção e a evocação de um passado já longo, assaltassem o orador, impedindo talvez a exata manifestação do pensamento.

Alguém disse que o "homem vive do amor dos que se foram para o amor dos que hão de vir".

Aos meus caros e os familiares de meus colegas homenageados, agradeço aqui, registrando a profunda gratidão pelas generosas palavras do professor

João Fischer, intérprete dos autores da festividade.

Meus colegas e meus amigos.

Longe de mim e dos que agora interpreto, reivindicar méritos que justificassem a sessão de hoje, que também é uma despedida.

Tomo dela para mim, como os demais, a parte que me cabe como professor, na modéstia e singeleza do meu viver e, praza aos céus, outros como eu, dedicados à vida universitária, possam fruir momento semelhante ao que agora foi proporcionado.

DISSE.

Proferiu o Professor Catedrático Alvaro Barcellos Ferreira, como representante da Congregação a seguinte alocução ao Catedrático de Parasitologia.

A Congregação da Faculdade de Medicina reúne-se hoje, em sessão solene e especial, para prestar uma homenagem tôda particular ao Professor Raul Franco Di Primio. Não é uma despedida, não é um adeus, mas, verdadeiramente, uma homenagem aos méritos, à capacidade, à cultura e ao saber do Professor Di Primio.

Todos sabemos e conhecemos a sua dedicação inigualável. Todos sabemos e conhecemos como, por seu esforço, elevou a Cátedra de Parasitologia desta Escola ao nível das melhores.

Íntegro e probo, culto e erudito é um **Homem** e um **Mestre**.

Investigador, acima de tudo, à Di Primio devemos as primeiras pesquisas aqui realizadas, com ordem, com método e com espírito científico. Todos os seus trabalhos trazem um cunho pessoal e próprio. Di Primio é um investigador nato e distinguido.

Com a inquietude própria a todo pesquisador, êle anda sempre em busca de alguma coisa, em busca da verdade. É a sua — como tôda a investigação superior — uma busca paciente, constante, infinita.

Para êle o tempo não existe nem importa. Para êle o que vale, o que tem significação, é o resultado, é o achado, é a descoberta. E, para isso, para conseguir essa alguma coisa, Di Primio não mede sacrifícios. Está em seu elemento sorridente, confiante, feliz.

Meu caro Di Primio — amigo e Mestre — teus colegas de Congregação te prestam esta homenagem, com o calor com o afeto e com o aprêço que vêm do coração e com a admiração, o respeito e a confiança que vêm do espírito.

Afastado da Cátedra, por força de lei, continuas conosco, pois uma decisão sábia, a direção da Escola te conservou à frente de nossos Anais, para, tranquilamente, ter a certeza que êles continuarão. Di Primio — amigo e Mestre — um abraço grande e imenso como o bem que te queremos — e os nossos corações — cheios de carinho e de afeto.

Em agradecimento à homenagem recebida o Professor Raul Franco di Primio, pronunciou o discurso que a seguir consignamos.

Preliminarmente, como sentimento de gratidão e reverência, quero me dirigir a quatro personalidades, para o que me sinto hoje, mais do que nunca, com a maior serenidade de espírito e independência.

Magnífico Reitor.

Depois da vossa trajetória brilhante na cátedra de Anatomia e na direção da Faculdade de Medicina de Pôrto Alegre onde demonstrastes as mais altas e inequívocas qualidades de perfeito administrador sob influência de sólida inteligência com realizações que são do conhecimento público, orgulha-se a Universidade do Rio Grande do Sul de possuir um Reitor de atitude firme, honestidade intangível, comprovado senso administrativo e vasta cultura científica, admirável conjunto que impõe respeito e admiração.

Sinto-me desvanecido de comparecer a esta sessão de Congregação, dirigida pelo eminente Professor Francisco Marques Pereira, que em tão curto lapso de tempo já demonstrou inatas aptidões administrativas, e que ao lado de grandes qualidades, de robusta cultura, de privilegiada e irradiante simpatia vem conduzindo, como hábil timoneiro, os destinos da casa de Sarmento Leite.

Em qualquer atividade humana a tradição deve ser uma preocupação sagrada.

Eu me congratulo de ver na direção da nossa Faculdade o continuador da Cátedra de Histologia, que pertenceu ao saudoso e eminente Professor João Baptista Marques Pereira, o primeiro que realizou concurso nesta austera casa de ensino, com quem tive o prazer de labutar aqui e na antiga Diretoria de Higiene do Estado, onde, em atividades opostas, demonstrou profundo conhecimento técnico-profissional e sólida formação científica.

Eu me permitiria sintetizar em um trinômio tão ilustre personalidade: polidez, modéstia e cultura.

Rendo graças ao Onipotente por uma feliz coincidência que hoje se evidencia.

Quando ingressei nesta egrégia Congregação fui saudado pelo ilustre Professor Alvaro Barcellos Ferreira.

Ainda repercutem no meu coração agradecido as generosas palavras que proferiu de solidariedade, de amizade e verdadeiro estímulo em 1940.

Passados 24 anos, sou novamente saudado pelo brilhante Catedrático, que em tôdas as ocasiões sempre encanta os auditórios científicos pela beleza do estilo, pela inteligência vibrante, pela profundidade do saber e pela fascinante simpatia pessoal que todos sentem e admiram.

Como intérprete da Congregação que mais poderia aspirar, que recompensa maior poderia eu ter quando vejo uma personalidade dêste gabarito saudando modesto professor.

Ao Alvaro mais uma gratidão.

Senhores!

É preciso uma grande resistência do neurônio e poderosa força do miocárdio para suportar tamanha emoção do momento, tão significativo e traumatizante da minha vida, que marca inexoravelmente o crepúsculo oficial do magistério e o dilúculo de uma nova fase que se vislumbra com nuances, que eu já começo a trilhar mercê de Deus com aquela serenidade que proporciona a consciência da missão cumprida.

Neste instante quero ainda uma vez fazer uma profissão de fé, sem resquício

de literatura que o ocaso do magistério já não comporta.

Relevei, por indulgência, a citação de algumas realizações da minha carreira, em rápido retrospecto, não como exaltação de pretensão mérito, mas apenas como pressuposto incentivo à mocidade, nesta profissão de fé que já fiz aos meus estudantes. Eu me permito reiterá-la neste momento de vez que, face à Medicina, todo aquele que tem alma de médico, sente-se perenemente aluno, pois o estado de espírito de curiosidade perante a complexidade dêste campo vital que todos cultivamos, faz de nós outros jovens, de vinte anos ou mestres encanecidos, os sempre jovens não obstante os anos.

Permitam-me inicialmente declarar que cumpri rigorosamente a árdua profissão de ensinar, nem sempre compreendida ou com interpretações diversificadas pela polimorfia humanidade.

Venci o concurso da Cátedra de Parasitologia em circunstâncias excepcionais, caracterizadas pela pressão da manobra política contra o esforço científico e lecionei, até o último momento com o mesmo entusiasmo, assiduidade e prazer, mais de trinta anos, às gerações de jovens que passaram pela cadeira.

E quando digo que o esforço científico sempre pugnou contra manobras políticas, quer significar que todos os cargos que alcancei foram, exclusivamente, por meio de concursos sem interferência ou injunções pessoais estranhas à dedicação ao serviço público.

Em grande parte do tempo, paralelamente ao exercício do magistério prestei serviços à saúde Pública do Estado, combatendo epidemias e endemias. Procurei servir a minha Pátria, empenhando-me em ser útil ao meu semelhante.

Sinto-me confortado com as realizações no terreno médico-social.

Idealizei e construí o Hospital de Emergência para Leprosos, no Partenon, inaugurado em 21 de janeiro de 1936, no curto lapso de tempo de um mês, sem ônus para o Estado, resolvendo uma situação angustiante no momento. Foi a fase mais feliz da minha vida, dando lenitivo aos leprosos.

Há 14 anos realizo, na férias, em todos os quadrantes do Rio Grande do Sul,

pesquisas para o estudo da doença de Chagas, a expensas próprias, como imperativo à tradição da Escola de Medicina Experimental de Manguinhos, ligada intrinsecamente ao meu passado que tanto prezo.

Durante longos anos, com absoluta perseverança prestei assistência médica gratuita ao Amparo Santa Cruz e ao Isolamento da Santa Casa como outros colegas, em campos afins, realizam obra de benemerência.

Se não bastassem estas contribuições de interesse coletivo, eu me permito dizer que desde que assumi o Magistério Superior, em 1925, jamais recebi remuneração particular, de qualquer forma, por serviços profissionais prestados.

Esta resolução imposta mais pela especialização estrita do que motivada por outro fator, se reproduz com pesquisadores em muitas áreas no vasto e heterogêneo campo da Medicina, cada vez mais desmembrado no aperfeiçoamento técnico.

O silêncio sagrado do laboratório contrasta com a atividade clínica, mais trepidante e heróica, onde muitas vezes a remuneração não compensa o sofrimento atroz, quando o médico se debate, em luta desigual, contra a morte.

A literatura médica registra contribuições originais e surpreendentes de clínicos sob orientação científica e desprendida.

Tanto no âmbito estadual como no federal, jamais gozei licença-prêmio ou especial, assim como em nenhuma vez sobrepuj os interesses particulares aos deveres das minhas funções públicas.

Publiquei, em número de 87, trabalhos sobre: malária, helmintoses, doença de Chagas, peste bubônica, carbúnculo, tétano, lepra, alastrim e varíola, artrópodes produtores e transmissores de doenças no Rio Grande do Sul e de modo particular, os triatomíneos, pesquisas para o reconhecimento dos resíduos fecais de origem alimentar e outros, além de muitos de interesse médico-social.

Transferi simbolicamente 74 vezes a cadeira de Parasitologia além dos umbrais desta Faculdade, realizando em todos os quadrantes do Rio Grande do Sul, conferências e palestras, vulgarizando

conhecimentos e contribuindo para a Educação Sanitária, uma das mais poderosas armas de Profilaxia.

Para os desafetos gratuitos ou temporâneos que possam ter surgido no decorrer da vida, quicá como resultado da minha atividade científica ou motivado por qualquer e impiedosa falha humana, eu me permito repetir a frase do Padre Vieira: "Os homens julgam-nos a nós por si. Donde se segue que, para serdes bem julgado no juízo dos homens, não basta que sejais bom, é necessário que ninguém seja mau".

Com amor e inabalável otimismo encarei o magistério sem nunca olvidar, paradoxalmente, a frase de Alexandre Pope: "Bem-aventurado quem nada espera porque nunca será decepcionado." E, eu sempre confiei ardorosamente nesta colenda Congregação e como significativa confirmação recebo precisamente neste momento inequívoca prova de incommensurável fidalguia e grande generosidade que servirá como poderoso incentivo à vida que se inicia sob novo aspecto e que terá certamente como égide a vossa imarcescível influência.

Sempre me empenhei em julgar os meus alunos com justiça, respeito à Ciência e à dignidade humana.

Na senda ascensional, o aluno prestimoso, cômico da sua responsabilidade, seguindo os altos desígnios da nobre profissão médica, destaca-se intelectualmente, tornando-se autoridade ou o grande Mestre de amanhã.

Deixo, graças ao Professor Milano, então Diretor da Faculdade, as novas instalações dos laboratórios de Parasitologia, providos de aparelhagem moderna, equipamento específico em ambiente agradável e de reconfortante incentivo, fator de incontestável valor psicológico, onde os alunos recebem ensino mais objetivo, sólido, eficiente e atrativo.

Como fato inédito é a criação do Museu de Parasitologia, onde os estudiosos encontrarão mais estímulo e facilidade para o estudo especializado em seus múltiplos e originais aspectos.

Nem sempre a suntuosidade dos laboratórios constitui fator absolutamente indispensável às grandes e estupendas realizações, como ocorreu com a descoberta do insigne Carlos Chagas quando,

precariamente, se instalou em um modesto vagão de estrada de ferro na bucólica e longínqua povoação de Lassance.

A Parasitologia, em contínua evolução, contribuiu à formação de numerosas turmas com autênticos valores científicos.

Apenas gostaria, em consonância com a consciência de um dever cumprido, tivesse — doce e certamente envidecedora miragem — presentes aqui, neste momento, turmas, desde as mais antigas às mais recentes, que eu tive o prazer e privilégio de lecionar.

Muitos desses ex-alunos labutam em destacadas posições nos mais distintos setores e atividades da Medicina em todo Brasil e outros do Magistério Superior, inclusive ilustres Catedráticos desta egrégia Faculdade. Veriam, então, de consciência aberta, que mercê de Deus, nunca houve esmorecimento nem solução de continuidade na atividade didática. Verificariam, sim, estrito cumprimento do dever, assiduidade absoluta, inatacável justiça e atualização científica.

Relevai a minha digressão em torno de algumas considerações ou de fatos esparsos relacionados com o exercício da mais digna, edificante e nobre profissão, onde a arte se funde com a ciência, o cérebro com o coração e o trabalho culmina com a vitória.

Nesta feliz oportunidade quero prestar um preito de saudade e gratidão ao meu antecessor na Cátedra de Parasitologia, o saudoso e ilustre Professor Manoel Thomaz Sarmento de Sá Barata, que muito contribuiu ao ensino nos primórdios da nossa Faculdade, na época em que o magistério tudo exigia dos professores sem a correspondente recompensa material, fase do idealismo cujo paradigma é sem dúvida o inolvidável Mestre Sarmento Leite.

Presto, também, reverente homenagem de saudade aos ilustres professores que com extremada dedicação fundaram, consolidaram e elevaram o nome da Faculdade de Medicina de Porto Alegre.

Diante da implacável contingência, afasto-me do convívio sempre cativante

e dignificante de todos os professores e funcionários da Faculdade de Medicina, na certeza de que o tempo, na sua marcha inclemente, não desvanecerá o grande respeito e amizade que a todos sempre dediquei.

Valho-me do ensejo para agradecer e destacar a cooperação do Professor Luiz Sarmento Barata na passagem pela Parasitologia e hoje luminar da ciência em outro setor; em épocas diferentes, dos Drs. Cassio Annes Dias e Rafael Cabeda Sobrinho e atualmente dos Drs. Darcy Farias Lima, colaborador constante, Oscar Miranda Fróes e Ayrton Guaycurús Zingano.

Rendo homenagem aos meus antigos Mestres que tanto contribuíram para minha formação científica, da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, da Policlínica Geral, do Instituto Oswaldo Cruz e do Curso de Higiene e Saúde Pública da Universidade do Rio de Janeiro, dentre os quais lembro Oswaldo Cruz, Carlos Chagas, Adolfo Lutz, Beaurepaire Aragão, Costa Lima, Arthur Neiva, Miguel Pereira, Augusto Paulino, Rocha Faria, Werneck Machado, Pareiras Horta e João de Barros Barreto.

Em tôdas as contingências vivi estimulado pelo exemplo dos meus professores e sob o influxo contagiante da mocidade estudiosa à qual dediquei a minha vida.

Se a lei me concede inexoravelmente aposentadoria, oxalá que Deus na sua infinita misericórdia me permita contribuir ainda mais para o progresso da Medicina no Rio Grande do Sul, uma das razões de ser da minha atribulada e modesto existência.

Com o emocionante adeus da despedida e agradecimento ao vosso desvanecedor gesto que tanto sensibiliza o meu coração, reitero que, mercê do Onipotente, mantive o meu juramento integral, sempre cumpri o meu dever com perseverança, honestidade, entusiasmo e inefável prazer, guiado, em tôdas as alternativas da vida, pela frase do meu inolvidável e saudoso Mestre Oswaldo Cruz: "Não esmorecer para não desmerecer".